

A CRISE DA RAZÃO E O PROBLEMA DA TÉCNICA EM MARTIN HEIDEGGER

Aluno: Guilherme Campos Monteiro¹

RESUMO

O pensamento filosófico ocidental se vê em crise. Heidegger procura em sua filosofia reestabelecer contato com o originário, de modo que resgate aquilo que, durante os séculos, foi perdido. O filósofo procura restituir uma ontologia que possibilite, através de seu método filosófico fenomenológico-hermenêutico, um contato com o Ser e possa resgatar o sentido do Ser. Portanto, Heidegger possui uma grande contribuição a fazer com o momento em que a filosofia está passando e possibilita compreender pontos fundamentais para essa reflexão. O presente trabalho percorre o pensamento do autor e procura passar por pontos importantes para refletir sobre a questão da ontologia, do *Dasein*, da técnica e da linguagem e suas contribuições.

Palavras-chave: Heidegger. Ontologia. Técnica. Linguagem. *Dasein*.

INTRODUÇÃO

Costuma-se dividir a filosofia em áreas específicas. Essas áreas apresentam objetivos distintos e tratam de questões aparentemente heterogêneas, no entanto essa divisão é uma construção epistemológica com fins didáticos. Vê-se que na prática o real não se apresenta de forma fragmentada, mas sim o contrário e a análise é uma forma de sistematizar essas interpretações e entendimentos do mundo.

Desse modo, o presente artigo tem por objetivo realizar uma análise de um recorte histórico, porém com a intenção de utilizar todos os recursos presentes dentro de um pensamento filosófico. A fim de traçar pontos que conectam - de forma sistêmica - a realidade, o filósofo Martin Heidegger foi escolhido para dar base a esses estudos.

O trabalho se justifica na tentativa de compreensão do processo histórico da construção do pensamento ocidental enquanto um embate entre ciência, arte, filosofia e religião. Processos estruturais que contribuem para visões de mundo diferentes e que trazem inúmeras peculiaridades. Procura, também, entender a relação entre a linguagem e toda sua construção histórica com os problemas atuais. Assim, utilizar-se dos

¹ Licenciado em filosofia e ex-aluno Unisal – Centro Universitário Salesiano de São Paulo. E-mail: monteiroguilherme17@gmail.com.

elementos trazidos pelo autor para repensar e procurar dar algumas respostas para esses problemas.

O principal objetivo é através da reflexão realizada, procurar em Heidegger e em seu método fenomenológico e hermenêutico uma tentativa de superação para os problemas atuais de relativização conceitual, extremismo, ausência de sentido e esquecimento do Ser. Problemas que interferem no processo de formação ontológico-estrutural de entendimento do mundo, além do processo gnosiológico do mundo e das coisas, além da destruição do processo de transmissão desse conhecimento e dessa interpretação de mundo.

Para Heidegger a linguagem é a questão central nessa análise, pois é na linguagem que se encontra o centro de toda estrutura de seu pensamento: “Sua vigília é con-sumar a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam na linguagem”². O ser humano é um ser de linguagem, esse é o próprio do homem, e é através da linguagem em que o filósofo alemão fundamenta sua ontologia, pois para ele, é na linguagem em que o pensamento e todo o poder de criação humano sustentam-se.

Pensamos a linguagem numa correspondência à essência do homem, no sentido em que essa última é representada como animal *rationale*, isto é, como a unidade de corpo-alma-espírito. No entanto, assim como na *humanitas* do homo *animales* fica oculta a ec-sistência e com a ec-sistência a referência da verdade do Ser ao homem, assim também a interpelação metafísico-animal da linguagem encobre-lhe a essência na história do Ser. De acordo com essa essência, a linguagem é a casa do Ser, edificada em sua propriedade pelo Ser e disposta a partir do Ser. Por isso urge pensar a essência da linguagem numa correspondência ao Ser e como uma tal correspondência, isto é, como a morada da essência do homem³.

Para o filósofo e toda a tradição metafísico-ontológica a relação entre sujeito e objeto acontece à luz do Ser. Esse mesmo Ser que abriga toda a dimensão epistemológica sobre a relação da existência, do conhecimento e da comunicação entre o eu, o outro e o mundo, só é encontrado na linguagem e é justamente a condição

² Martin HEIDEGGER, *Sôbre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro LTDA, 1947.p. 25.

³ *Ibidem*, p. 55.

humana como ser de linguagem que lhe permite toda existência e compreensão do mundo.

Deve ficar claro que para o autor a linguagem é central e se relaciona em todas as dimensões da existência, assim como a própria ontologia. Se existe uma crise no pensamento hoje, trata-se principalmente de uma crise da linguagem que aponta para os problemas enfrentados durante o século XX e que assombram o mundo ocidental até a atualidade. Essa mesma crise que se manifesta, nos dias atuais, como desgastes severos da episteme como “pós-verdade” e “Fake News” estão enraizados na crise da razão e no “nó górdio” enfrentado pela filosofia.

Portanto, pretende-se que através dos estudos dos conceitos filosóficos de Martin Heidegger, juntamente à análise filosófica do século XX e da crise da razão, possa-se compreender melhor os problemas atuais enfrentados no mundo ocidental. Toda a estrutura de pensamento ocidental que está em crise procura ser esclarecida através dos conceitos aqui apresentados, permitindo uma análise atual das condições estruturais da linguagem, da ontologia e da episteme que fundamentam a racionalidade ocidental.

A QUESTÃO DA TÉCNICA E A CRISE DAS CIÊNCIAS

Deve-se ressaltar a importância da reflexão a respeito da técnica, pois possibilitará entender como e porque Heidegger se coloca como crítico a questão da técnica, apesar de não descartá-la. A problemática citada refere-se ao sentido da técnica que se perdeu ao longo da história ocidental. Os avanços científicos e a produção em massa transformou a técnica em objeto, coisa de consumo, sendo assim, a mesma técnica que no grego era pensada como produção e como criação, que são características tipicamente humanas, se desligaram de seu sentido.

A técnica é a responsável por toda criação humana, seja artística, mítica, epistemológica, científica ou religiosa. Heidegger, em seu texto *A questão da técnica*, aponta - logo no início - a respeito da técnica não ser a mesma coisa que a sua essência e da essência da técnica não ser algo técnico. Por conta disso, é preciso entender que tipo de relação o filósofo estabelece, a técnica moderna é, ao mesmo tempo, produção e desvelamento. Quanto a poiesis, essa técnica coloca os entes como instrumentos.

A determinação instrumental da técnica é mesmo tão sinistramente correta que, ademais, ainda serve para definir a técnica moderna, da qual outrora supunha-se com razão ser algo totalmente diferente e, por isso, algo de novo diante da técnica manual mais antiga. Também a

central de energia com suas turbinas e geradores é um meio feito pelo homem para um fim estabelecido pelo homem. Também o avião a jato e a máquina de alta frequência são meios para fins.⁴

Desenvolve-se um processo circular reiterativo, de modo que cada ente faz parte em uma linha de causalidade onde se emprega fins úteis a cada coisa. A produção que é sequenciada por diversas outras realizações que fazem parte do processo criador da técnica é que faz a dimensão poética ser manifestada. A essência dessa técnica se encontra na manutenção de um processo onde os entes são dispostos como variáveis. Tal descrição se aproxima do conceito de *Gestell*, denominado por Heidegger e traduzido por armação ou dispositivo.

Giacóia afirma: “A essência da técnica moderna consiste na subsistência assegurada das condições de reiteração permanente do dispositivo de produção, armazenamento, distribuição e desgaste.”⁵ Assim sendo, de certo modo a grande novidade no que diz respeito a técnica moderna, em relação a técnica antiga, é a maneira com que se relaciona com a natureza, sendo o essencial diferente da simples exploração ou o resultado objetivo dessa relação, mas sim o próprio processo que tem a natureza como potencial tecnológico e sua transformação em estoque material e energético dessa potência.

A questão principal a respeito da técnica talvez seja o distanciamento de sua pretensão originária e a catástrofe que isso pode gerar. Para isso, passa-se agora a pensar a sua originária concepção. Em sua origem, enquanto *producere*, referente a “trazer à luz”, ou seja, na metáfora de Heidegger, deixar-se contemplar no espaço aberto na clareira do Ser, desvelar.

Percebe-se aqui, já, um distanciamento, visto que a técnica em sua concepção instrumental, enquanto meio para um fim desejado, ou em sentido antropológico da possibilidade humana de realização, não corresponde necessariamente a sua concepção originária de desvelamento. “Para Heidegger, a técnica não é meio, nem instrumento que o homem coloca a seu serviço. Pelo contrário, o próprio homem moderno é determinado e requisitado pela técnica.”⁶ A técnica se refere ao desabrigar, é

⁴ HEIDEGGER, *A questão da técnica*. Scientiae Studia, [S.l.], v.5, n.3, p.375398, sep. 2007. ISSN 2316-8994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11117/12885>>. Acesso em: 17/11/2016, p. 376.

⁵ ⁵ GIACÓIA Jr., *Heidegger Urgente: Introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três estrelas, 2013, p. 98.

⁶ *Ibidem*, p. 99.

característico sua exploração como modo de transformar a natureza, mas não em sentido puro instrumental, um meio para um fim.

Ora, se a história da metafísica é também a do esquecimento do Ser e de sua substituição pelo ente, só um pensamento que ultrapassou a metafísica pode abrir-se para a rememoração do sentido do Ser e, portanto, pensar originariamente a essência da técnica como uma destinação (Geschick) na história da verdade do Ser.⁷

Tendo em vista as grandes correntes de pensamento que surgiram na modernidade como tentativa de responder questões que ficaram em aberto por conta da queda da metafísica clássica, a técnica poderia realizar a tarefa de pensar a verdade do Ser. Também o empasse de Heidegger na *Carta sobre o humanismo* reflete essa questão, na qual, o humanismo não pode realizar esse papel, uma vez que é, por essência, metafísico. Torna, então, a questão da técnica como possibilidade de desvelamento.

Para Heidegger: “Todo humanismo ou se funda na metafísica ou se converte em fundamento de uma metafísica.”⁸ Portanto, a técnica torna-se mais apropriada neste caso, já que funda sua antropologia na linguagem e o processo de abertura para a verdade do Ser, ao contrário do humanismo que fundamenta sua antropologia na condição de animal racional.

Por essa razão a técnica é o único viés possível para reestabelecer essa ligação do Dasein - Ser Humano – com o Ser. No entanto essa mesma técnica perdeu seu significado ao longo da modernidade e essa questão convoca para reflexão sobre o problema do esquecimento do Ser dentro da ciência moderna e de como esse esquecimento, da pergunta pelo seu sentido, leva a crer na crise das ciências no século XX.

A ciência ocupa-se com os entes; não se pergunta pelo estatuto de ser das entidades com as quais opera, mas assume tacitamente um sentido para seus conceitos, objetos e relações – um sentido que pressupõe um entendimento irrefletido de Ser como *Presença* (*Vorhandenheit*, ou *presentilidade*, no léxico heideggeriano).

O fenômeno mais importante na crise das ciências contemporâneas é que ela afeta a infraestrutura ontológica destas, o que evidencia a

⁷ GIACÓIA Jr., 2013, p 100.

⁸ HEIDEGGER, Martin, 1947, p. 37.

necessidade e a urgência de uma retomada da pergunta pelo sentido do ser.⁹

Sejam as ciências naturais ou as ciências humanas, ambas estão, até hoje, em crise com seus paradigmas. Uma vez que essa crise afeta não somente a exterioridade do conjunto teórico dessas ciências, mas também o seu núcleo duro, ou seja, sua base conceitual fundamental, que correspondem aos conceitos ligados ao plano ôntico. No entanto, essa crise não se situa necessariamente só no plano ôntico, mas tem origem no substrato ontológico desses conceitos, o que será desenvolvido posteriormente.

A problemática da perda de sentido do Ser, que começa a ser pensada na filosofia da linguagem e Heidegger também se põe a pensar a respeito, pois é talvez uma das questões mais importantes da filosofia contemporânea. Para tanto, é preciso deixar claro que não é uma questão simples e muito menos fácil de ser pensada e respondida.

Se, no entanto, por humanismo em sentido geral, se entende o esforço tendente a tornar o homem livre para a sua humanidade e leva-lo a encontrar nessa liberdade sua dignidade, então o humanismo se diferenciará segundo a concepção de 'liberdade' e de 'natureza' do homem. Do mesmo modo, serão diferentes as vias de sua realização. [...] Por mais diversas que sejam, segundo suas finalidades e seus fundamentos, quanto aos modos e meios de suas realizações específicas ou consoantes a forma de suas doutrinas, essas espécies de humanismo, na realidade, coincidem no fato de todas elas determinarem a *humanitas* do homo *humanus* a partir de uma interpretação já assente da natureza da história, do mundo, do fundamento do mundo, isto é, a partir de uma interpretação já assente do ente em sua totalidade.¹⁰

Com essa defesa da técnica perante o humanismo é preciso fazer o papel inverso e criticá-la. Pois, sua instrumentalização pode, facilmente, subvertê-la e fazê-la perder sua compatibilidade com o ethos que permitiria a convivência no mundo, uma das dimensões ontológicas fundamentais citadas anteriormente. Essa subversão é preocupante, pois, se por um lado o humanismo não abre espaço para o desenvolver relacional do *Dasein* com o *ec-sistere* próprio do ser humano, por outro, a subversão técnica destrói a dimensão relacional do *Dasein*.

⁹ GIACÓIA Jr., 2013, p.56.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin, 1947, p. 37.

O sentido instrumental técnico pode inverter a lógica da ética humanista. O fantasma estético do consumo, o efeito nascista que por ele é produzido. Nesse sentido é que a técnica se torna um problema, quando sua instrumentalização antropocêntrica se torna hegemônica.

Heidegger afirma: “A questão da técnica é a questão acerca da constelação na qual acontecem o desabrigar e o ocultamento, onde acontece a essencialização da verdade.”¹¹ No entanto, a sua subversão faz-se pensar sobre o perigo que isso causa, mas é também desse perigo em que surge a salvação. Heidegger fala que apesar de sozinho não poder banir o perigo, o refletir sobre “tudo o que salva necessita de uma essência superior à do perigo, embora ao mesmo tempo a ela aparentada.”¹²

Por fim, Heidegger aponta para a arte como o produzir do verdadeiro no belo, sendo que “As artes não decorriam do artístico. As obras de arte não eram fluídas esteticamente. A arte não era um setor da produção cultural.”¹³ Ou seja, para o filósofo a arte é a possibilidade de uma possível salvação, entre elas, a poesia é colocada em um patamar especial, justamente por tratar da arte por meio da linguagem. “A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias.”¹⁴

ÉTICA ORIGINÁRIA: O SENTIDO DO SER E A VERDADE ORIGINÁRIA

A partir de agora almeja-se fazer uma breve reflexão acerca da problemática da ética encontrada em Heidegger. De modo que possibilite uma tentativa de retorno ao sentido originário da ética e, a partir disso, compreender essa dimensão que está inserida no contexto do Dasein. Partindo disso, tentar entender de que maneira o filósofo alemão aponta para a subjetividade e utiliza a via estética com esse objetivo, para responder a prática.

O sentido de ética é o tempo todo trabalhado nas obras do autor, visto que, por se tratar de uma ontologia ela é interrelacionada. Em *Carta sobre o humanismo*, Heidegger fala sobre a ética originária e para que se entenda o que ele quis dizer com isso, é preciso antes compreender o processo que se levou ao esvaziamento ou destruição da ética.

¹¹ Heidegger, 2007, p. 394.

¹² Ibidem, p. 395.

¹³ Ibidem, p. 395.

¹⁴ Idem, 1947, p. 25.

Anteriormente, fez-se uma breve conceitualização do que Heidegger entende por ser humano e suas principais dimensões existenciais e relacionais. Depois, tomou-se outro rumo no qual tratou-se de percorrer o processo da modernidade em que o sentido da técnica instaurou-se e perdeu-se o sentido originário da técnica enquanto instrumento poético do ser humano, evidenciando o quanto isso degradou o próprio sentido de ser humano.

Agora, neste último momento, é necessário entender como o processo evidenciado no segundo capítulo e partindo dos pressupostos conceituais e filosófico-antropológicos contidos no primeiro, fizeram-se perder o sentido da ética originária. Com isso em vista, deve-se procurar a saída para esse problema que infere ao ser humano a perda de sentido. Pois, mais do que um esvaziamento ético, se trata de um sentido de *logos* ausente.

Como condição histórica, o pensamento ocidental é por essência racionalista. Em Hegel, isso passa a ser evidenciado com sua máxima de que o real é racional e o racional é real. Aos olhos inocentes, essas simples proposição não diz muita coisa, porém é preciso entender que tudo o que se tem como real é também racional, no sentido em que o racional é produção, interpretação de mundo que ao mesmo tempo que interpreta o que existe dá sentido ao que já existe. O sentido de *logos* deve ser trabalhado em cima dessa compreensão, uma vez que não significa uma simples razão instrumental tecnicista, mas sim uma razão norteadora, que por muitos anos tomou conta da filosofia até a virada linguística. Foi nesse momento em que a racionalidade perdeu-se como certeza e a interpretação, que é verossímil, passou a ter mais peso do que a certeza, que por sua vez é inatingível.

Desde o momento em que tudo, para ser, tem de passar pelo crivo ou tribunal da razão, a máxima de Hegel - todo real é racional – tornou-se *credo* ou *dogma* indiscutível na destinação ocidental. É aí que o sentido etimológico da razão aparece. Razão, *raison*, *razón* advêm, como se sabe, da palavra latina *ratio*, cujo significado é medida. Neste sentido, razão deve ser entendida como faculdade inerente ao ente humano capaz de representar o real sob conceitos ou inteligir sua essência (*quidditas*). A razão então é a faculdade que mede o real, segundo o seu poder de ação. Ao medir o real, a razão passa a dizer o que o real é e os critérios necessários para que ele seja reconhecido como tal. Como consequência necessária, somente dentro do poder da ação da razão o real é real.¹⁵

¹⁵ CABRAL, Alexandre Marques. *Heidegger e a destruição da ética*. Rio de Janeiro: editora UFRJ/ Mauad Editora, 2009, p.21.

Todo o que se escapa à razão nada é, pois a razão é a única maneira vigente dessa compreensão do mundo. Antes, no mundo grego, o mito servia como instrumento de interpretação daquilo que é real, no entanto, no contexto atual só tem valor o que é racional. Reduziu o sentido de *logos* para apenas um de seus possíveis sentidos, o da razão. O real só significa, então, aquilo que é lógico. O que gerou a perda de sentido do Ser, que foi tratado anteriormente com o foco na questão técnica, e agora será tratado, porém, na dimensão da filosofia da linguagem propriamente dita. “O problema agora é que a razão ou *logos* não diz somente o que o real é, mas também o que o real deve ser.”¹⁶

Torna-se importante contextualizar o momento acima, pois é fundamental para compreender o processo a seguir. Visto que o mundo ocidental, desde o início, quando escolheu ter a razão como fundamento para a construção do conhecimento e das maneiras de ver e compreender o mundo. Acompanhando, no mundo moderno, uma atual crise da razão, compreender-se o porquê dessa ausência de sentido no mundo. A única base que sempre foi utilizada para conhecer o mundo e buscar nele algum sentido encontra-se em uma profunda crise, a crise da razão. “Entrando em crise a *ratio* ou *logos*, entram em crise todas as formas ocidentais de compreensão do real.”¹⁷

Neste sentido, a ética - que sempre foi uma dessas maneiras de enxergar o mundo e dar sentido a ele, guiando o agir humano – também entra em crise. A ética, que até então só se viu como filtro para o agir humano e tentar reprimir seu agir, ignorou a particularidade presente na subjetividade de cada indivíduo. Essa ética que se tornou, na modernidade, escravizadora do agir humano e que foi denunciada por muitos, orientada pela igreja e pela filosofia antiga grega, que estabeleceram as regras do jogo antes mesmo do jogo acontecer, fez também formatar o agir humano, tratando-os todos como estritamente iguais.

Afirma Cabral que: “É preciso reconhecer que a ética aparece como um saber filosófico quando a relação homem-real passa a se estabelecer desde o vigor da *ratio*”¹⁸. Com isso a dimensão ética do agir humano passa a estabelecer o próprio ser humano como entes já dados, e não como um ente que se realiza. Esse auto produzir próprio do Dasein e evidenciado ao longo do trabalho, mostra um lado que por muito tempo foi ignorado.

¹⁶ CABRAL, 2009, p. 21.

¹⁷ *Ibidem*, p.29.

¹⁸ *Ibidem*, p.30.

O surgimento da moral rígida e dogmática e também do niilismo ético que prevalecem no ocidente, têm origem na aposta da razão excessiva que limitou o ser humano a um ente qualquer, no qual ignorou sua dimensão autoprodutora, o agir no mundo de Heidegger. Essa crise da razão aflorou, então, aqueles que retornaram a um dogmatismo moral exacerbado na tentativa de responder aos problemas vigentes, além daqueles que apostaram em um niilismo moral, no qual se entregam a ausência, o que gera diversos outros problemas atuais que não seria possível abrangê-los neste momento.

A razão não trouxe a visão arcaica, originária, do ser humano. Ou seja, o problema da ética tem sua origem juntamente com o problema do *logos* demonstrativo (*ratio*), uma vez que a razão é a única maneira, válida, de ver o mundo e interpretá-lo. Este é o momento em que surge a ontologia ou a metafísica, pois é no processo de interpretação do real, no qual o sentido do ser é desvelado, que se dá o conhecimento das coisas no mundo. O problema até então exposto da razão dá base para entender o quanto a ontologia se tornou dependente dessa *ratio* e no momento de crise toda tentativa de metafísica entra em processo de sucumbir, pois: “[...] o ser passa a ser aquilo que aparece ou vigora dentro da amplitude da luz da razão.¹⁹”.

O problema ontológico surgiu no momento em que se reduziu o Ser a um simples ente e utilizou-se da razão como único meio de conhecer ele. E a questão da ética acompanhou o problema da ontologia, pois juntamente com o nascimento da razão a ética se tornou possibilitadora do saber racional. Portanto: “Se a ética está hoje em crise, é porque o horizonte ontológico que a possibilita vigorar como tal está em crise.”²⁰ Desse modo só resta a tentativa de vivenciar a ética em seu sentido originário, não no nível racional em que ela se encontra.

Portanto, faz-se necessário refletir a relação do plano ôntico, isto é, dos entes com o plano do Ser. Uma vez que se encontra nesse processo a crise da razão, pretende-se descobrir se é possível realizar o mesmo processo, porém de forma mais originária que não dependa da razão unicamente. Esse é o processo de desvelamento do Ser, que acontece parcialmente e através da linguagem, no entanto cada desvelar pressupõe um revelar (velar novamente). Portanto, tal feito nunca desvelará o Ser por completo, sempre que uma parte é desvelada, outra é velada novamente.

¹⁹ CABRAL, 2009, p.31.

²⁰ Ibidem, p31.

Mesmo que o pensamento ôntico se esqueça do ser, este já está sempre presente como condição possibilitadora de toda e qualquer representação ou de toda análise lógica da realidade. [...]. O homem, portanto, ao se aproximar do ente, já sempre está imerso no próprio ser, pois a proximidade do ser não é geográfica, mas ontológica; ou seja, antes de o ente aparecer, isto que é o ser *já se deu*, já aconteceu, já está presente para que tal aparição seja possível.²¹

Desse modo, o pensamento no sentido originário só se daria no plano do Ser, anterior a manifestação do próprio ente. Aquilo que possibilita o ente, mas que é anterior a ele. Assim sendo, o homem enquanto ente que também participa do Ser já está próximo ao Ser, e seu pensamento é também a proximidade. Por isso Heidegger afirma, em *Carta sobre o humanismo*, que o pensamento é a morada do Ser.

Agora, resta procurar em Heidegger o acesso ao sentido do Ser que foi perdido. Tudo aponta para a linguagem como possibilidade para encontrar tal sentido do Ser. No entanto existem algumas considerações a serem feitas. Em *Ser e tempo*, no parágrafo 34, Heidegger descreve o Dasein - em sua abertura como ser-no-mundo – um ser de encontrar-se (encontro com), entendimento (apropriar-se) e a possibilidade de interpretação (viés hermenêutico). Desse modo o Dasein é um ser de relação essencialmente, pois é no discurso que essa relação se dá e o ser humano é também um ser de linguagem. Heidegger afirma: “O fundamento ontológico-existencial da linguagem é o discurso.”²².

O Dasein, em sua abertura existencial, tem o discurso como algo essencial em sua constituição. Essa proposição é importante, pois é a partir dela que se entende a relação *Dasein* e Ser. Tomando-se que: “A linguagem é o ser-expresso do discurso.”²³, pode-se pensar que tanto o *Dasein* quanto o Ser são habitantes da linguagem e estão estritamente próximos. Então, a diferenciação entre Ser e *Dasein*, na linguagem, se dá quando o *Dasein* é responsável, enquanto discurso, por aquilo que encontra, apropria e interpreta do real e é, desse modo, a própria articulação do real. Portanto, o *Dasein*, ao participar do mundo, se situa na linguagem.

O Ser, apesar de habitar a linguagem, não é acessível em seu todo. Essa dificuldade faz Heidegger procurar uma forma que possa expressar o sentido do Ser, e em *A caminho da linguagem*, utiliza-se de outros meios que não filosóficos para

²¹ CABRAL, 2009, p.32.

²² HEIDEGGER, 2012, p.. 453.

²³ Ibidem, p. 455.

sustentar o acesso ao Ser, visto os problemas enunciados no item anterior e a tentativa de resgate de uma linguagem mais abrangente. Neste momento, o filósofo, coloca a poesia como o principal meio para o acesso.

Uma vez que a poesia se aproxima muito mais da própria “poiésis” grega, cujo significado se aproxima de criação ou produção, o que depois levou ao significado da criação poética e da criação com a linguagem. Sendo o homem um ser de linguagem, o ato poiético é um ato de criação que escapa ao rigor da racionalidade e se apresenta como viés de possibilidade à crise da razão enfrentada no século XX.

CONCLUSÃO

Afirma-se que o pensamento é linguagem e que é através dessa linguagem que se relaciona com o mundo. Com isso, a racionalidade que predominou o discurso científico e filosófico na modernidade foi responsável por dissolver as dimensões míticas e religiosas da própria linguagem e episteme. A necessidade de resgate de um pensamento que não fosse puramente racional levou a tentativa irracional de compreensão de mundo que vive-se hoje no mundo ocidental.

O processo histórico que levou o mundo à crise das ciências e à crise do pensamento foi o mesmo que destruiu a moral e instrumentalizou a técnica como forma de criação e produção poiética. Heidegger propõe um retorno ao arcaico como tentativa de buscar no originário aquilo que foi perdido, o sentido do Ser, que para Heidegger, só pode ser aproximado da linguagem enquanto produção e por conta disso, o filósofo aposta na subjetividade como possibilidade de resgate individual de sentido, que é uma saída irracionalista e individualista na qual o mundo moderno se sustenta.

Portanto, a base do mundo contemporâneo está na crise da razão do século XX. Ao mesmo tempo que é preciso reconhecer que tais propostas irracionais não respondem todos os problemas filosóficos atuais, as propostas racionalistas também não deram conta dos problemas enfrentados no século XX e do autoritarismo. Problematicamente, apesar de toda contribuição com seu método fenomenológico e hermenêutico, e toda a discussão a respeito de uma ontologia e um possível desvelamento do Ser, quando Heidegger coloca o processo de revelar enquanto um velar novamente, gera-se um problema, que é a impossibilidade da compreensão ou conhecimento total do Ser.

Ciente disso, o filósofo aposta na subjetividade como saída para esse problema, mas não gera uma resposta de fato reconciliadora para o problema. Portanto, conclui-se

que apesar de muito contribuir para a compreensão e entender o que levou às questões filosóficas contemporâneas, Heidegger contribui com a relação subjetiva e artística da filosofia e da poesia, mas não ultrapassa essa barreira subjetiva.

O filósofo aponta para a dimensão prática e relacional, que é própria da constituição do *Dasein*, no entanto, apesar de remontar uma dimensão ética, todo seu embasamento é unicamente de cunho ontológico e pouco tangível. Conflito perceptível na obra do próprio autor, quando recai para questão poética e aposta a relação individual com a arte.

Portanto, é de suma importância a compreensão do pensamento de Martin Heidegger para que se possam entender quais são os problemas epistemológicos contemporâneos. Assim, faz-se necessário reconhecer a limitação no pensamento do filósofo, mas é importante validar sua contribuição para com a crise da razão e um apontamento para uma possível solução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Alexandre Marques. **Heidegger e a destruição da ética**. Rio de Janeiro: editora UFRJ/ Mauad Editora, 2009.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Heidegger Urgente: Introdução a um novo pensar**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. *Scientiae Studia*, [S.l.], v.5, n.3, p.375398, sep. 2007. ISSN 2316-8994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11117/12885>>. Acesso em: 17/11/2016.

_____, Martin. **Introdução à metafísica**. Trad. pt. Mário Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

_____, Martin. **Que é metafísica?** In: Stein, Ernildo (org.) São Paulo: Nova Cultura, 1999. (Os pensadores).

_____, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas/ Petrópolis: Editora da Unicamp/ Vozes, 2012.

_____, Martin. **Sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro LTDA, 1947.